

RAINHA DOS CÉUS, ESTRELA DO MAR: LOUVOR E DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA, EM CANDEIAS-BAHIA¹

Leila Assis de Jesus²

A historiografia brasileira (SOUZA, 1986; HOORNAERT, 1991) aponta que, desde os tempos da Colônia, a devoção aos santos apresenta-se como expressão do Catolicismo no Brasil. Este Catolicismo guarda particularidades e peculiaridades, consequência da diversidade étnica e cultural que aqui se formou, originando um complexo repertório de signos, reinventando religiosidades em um processo específico e multifacetado (SOUZA, 1986, p. 88).

Entre estas expressões de religiosidades está o culto à Virgem Maria, herança européia que remonta ao século XII, tendo sido tema de uma das mais importantes reflexões teológicas da época medieval, como destacou Franco Junior:

Dentre as diversas transformações sócio espirituais ocorridas nos séculos XII e XIII, uma das mais importantes foi o desenvolvimento do culto à Virgem Maria. Ela se tornou então objeto de muitas reflexões teológicas, de inúmeras hagiografias, Hinos, Peças teatrais e outras obras literárias. Além de variadas representações iconográficas e de peregrinações que arrastavam multidões. (FRANCO JUNIOR, 1989).

A observação das igrejas da Bahia, principalmente as do Recôncavo, evidencia que a Virgem Maria é uma das presenças mais constantes como orago nestas igrejas que na sua maioria foram estabelecidas no período colonial, como aponta Diegues Junior:

Em 1586 os jesuítas introduziram no Brasil as congregações marianas, a primeira fundada naquele ano para reunir os filhos dos colonos. Dos jesuítas sabe-se que foram, no Brasil os principais divulgadores do culto de Nossa Senhora, marcado, aliás, no orago das igrejas e capelas fundadas sob invocações mais diversas: Da Graça, do Carmo, da Boa Morte, do Ô, Nossa Senhora da ajuda foi o primeiro orago de igreja fundada pelos jesuítas na Bahia, o que quer dizer na América. (DIEGUES JUNIOR, 1968).

Mello e Souza também destaca as invocações de Nossa Senhora como uma das mais diversas e constantes vivências de religiosidade na Colônia Portuguesa:

[...]. As primeiras imagens marianas no Brasil ainda são **milagreiras ou medianeiras**: assim Nossa Senhora da Graça a famosa imagem encontrada por Caramuru na Bahia, em 1530, e em honra da qual Paraguaçu mandou erguer uma capela. Viriam em seguida as imagens guerreiras, patronas de vitórias contra índios e hereges: Nossa Senhora da Vitória, que assegurou vitórias contra índios e contra franceses na Bahia; Nossa Senhora dos Prazeres, garantidora da Vitória de 1656 sobre os Holandeses. (SOUZA, 1986, p. 116)

Nesta pesquisa, o culto a Senhora das Candeias foi estudado como uma das invocações à Virgem Maria, considerando importante refletir sobre duas questões: a primeira como este culto se

¹ Trabalho de monografia do Curso de Bacharelado em História da Universidade Católica do Salvador – UCSal, sob orientação da Professora Ione Celeste de Souza.

² Acadêmica do Curso de Bacharelado em História da Universidade Católica do Salvador – UCSal. yanygor@ig.com.br.

propagou na Bahia no imaginário da religião católica, a segunda como adoração “sincrética” afro-católica, ou seja, considerando uma bricolagem do culto à Virgem com o culto as deusas mães africanas, respeitando o imaginário da mídia, refletido nas notícias de jornais das décadas de 1930 a 1950.

Esclareço, inicialmente, que faço uso do termo “sincetismo” no sentido de um processo de fusão de religiosidades. Por exemplo, o culto a Maria surgiu no século XII, após ter sido mantido no anonimato por três séculos, conforme Franco Junior. Ao trabalhar este culto, ele informa que este processo ocorreu para evitar que fosse identificado como a versão cristã de uma deusa mãe, cultos comuns nas culturas européias pré-cristãs na época de consolidação do Cristianismo:

Percebemos que Maria poderia ser vista como a versão cristã de um antiqüíssimo arquétipo manifestado em Eva, Isis, Ishtar, Cibele, Hera, Atena e outras. No século II, São Justino no Oriente e Santo Irineu no Ocidente opuseram pela primeira vez Maria a Eva. Desde São Justino passou-se a ver no texto de Gênesis 3,15 um “sentido marial”, um “protoevangelho” no qual estaria contida toda a teologia marianista, da Concepção à Assunção, passando pela maternidade, pela virgindade, pela co-redenção. (FRANCO JUNIOR, 1989, p. 152).

No mesmo texto, Franco Junior esclarece que esta tentativa foi conflituosa, mas não definitiva:

O processo sincrético do cristianismo com o paganismo comprova aquela faceta de Maria, que a cultura eclesiástica negava mais a qual recorria para evangelizar sem com isso se contradizer. Assim a festa da Purificação de Maria, conhecida também como Candelária, tinha sua origem na Festa da Proserpina, como reconhecia o dominicano e bispo de Gênova, Jacopo de Varazze. Os milagres marianos relacionados com guerras, torneios e vinganças-pouco coerentes com a personalidade humilde e bondosa que a cultura clerical atribuía a Maria – provavelmente decorriam de sua contaminação pelo culto de Atena. (FRANCO JUNIOR, 1989, p. 55).

Assim, conforme Franco Junior, no início como até os dias hodiernos, o culto a Maria está envolto numa mistura católica (dominante) e uma “pagã” (popular). E, nesta pesquisa, ao destacar o orago a Nossa Senhora das Candeias, encontrei as simbioses gestadas no encontro da cultura européia com a dos africanos, deparei-me com o problema de trabalhar a cultura popular, que durante séculos foi considerada como folclórica. Sobre este assunto, Ginzburg (1987), na introdução de seu livro *O Queijo e os Vermes*, critica François Furet:

É sintomático que a possibilidade de uma investigação como esta tenha sido descartada antecipadamente por alguém como François Furet, que defendia a idéia de que a reintegração das classes inferiores na história geral pode ocorrer apenas sob o signo do número e do anonimato, através da demografia e da sociologia “um estudo quantitativo das sociedades do passado”. Embora não mais ignoradas, as classes inferiores estariam da mesma forma condenadas a permanecerem ‘silenciosas’. (GINZBURG, 1987, p. 26).

Durante séculos foi atribuída às classes populares uma passividade cultural, o que significa a aceitação da religião da classe dominante, como uma imposição (o que não deixou de ser); porém, esta imposição não se deu como aceitação pacífica: trata-se de um fenômeno sincrético, o que não significa que índios e africanos tivessem aceitado passivamente as tradições da classe dominante; essa suposição torna desagradável o uso da expressão “sincetismo”, conforme Ferreti:

É palavra considerada maldita que provoca mal estar em muitos ambientes e em muitos autores. Diversos pesquisadores evitam mencioná-la, considerando seu sentido negativo, como sinônimo de uma mistura confusa de elementos diferentes, ou imposição do evolucionismo e do colonialismo. (FERRETI, 1999, p. 132).

Vainfas (1995), no seu livro *A Heresia dos Índios*, discute sobre as religiões populares e sobre o termo “sincretismo”, atribuindo a este termo a idéia de “fusão”, dissolvendo a análise para a adoção de um novo termo: “hibridismo”. Que dá uma idéia de heterogeneidade, uma diversidade de olhares e interpretações culturais sobre aquilo que deveria ser o mesmo objeto, destacando o evento histórico do Brasil quinhentista a “Santidade do Jaguaribe”, esclarecendo que não se tratou apenas de uma “fusão” de duas crenças – católica e ameríndia – e sim de uma circularidade híbrida cultural muitíssimo variada de diversos elementos de ambas as culturas, “resultado híbrido de um conflito”.

Ainda, buscando ajuda em Ginzburg (1987) quanto a um caminho à pesquisa em cultura popular, levo em consideração que: “[...] a escassez de testemunhos sobre o comportamento e atitudes das classes subalternas é como certeza o primeiro – mas não o único-obstáculo contra o qual as pesquisas históricas do gênero se chocam” (GINZBURG, 1987, p. 16).

Assim, neste trabalho, busca-se uma análise que possibilite a percepção das trocas culturais em um grupo, concordando com Franco Junior (1989) e Ginzburg (1987), pois o culto a Maria, como orago híbrido, tornou-se na “longa duração histórica a maior intercessora por milagres e o maior objeto de peregrinações” (FRANCO JUNIOR, 1989, p. 54), entre os católicos. O hibridismo refere-se às diversas religiões afro-brasileiras, resultantes da diáspora decorrente do tráfico escravista que desenvolveram uma bricolagem entre “Maria” e as “deusas-mães” africanas.

No processo de pesquisa, tomei como fontes o Manual dos Romeiros que traz cânticos, um breve histórico da Igreja, e relatos de milagres. Também, como fonte, a biografia da professora Dalila Baptista, primeira professora da cidade e devota de Nossa Senhora das Candeias. Trabalha-se, ainda, com fotos de ex-votos, enquanto fontes iconográficas. Por fim, com os jornais das décadas de 1930 a 1950; com a revolução de 1930, e especialmente com o advento do Estado Novo, este se pretendia moderno, e, em nome da modernidade, perseguiu os chamados “arcaísmos”. Entre outras práticas, re-implementou formas de repressão contra os cultos afros brasileiros, o que tornou esses jornais e suas notícias fontes de extrema importância para a construção deste trabalho.

São constantes, nos trabalhos de etnólogos dos anos 1930/50, confusões com festas de características dos Orixás Oxum e Yemanjá, principalmente por terem ambos os Orixás arquétipos que se associam à maternidade, e por problemas referentes à falta de crítica quanto às representações dos informantes. Confusões como esta se dão pelo fato das festas populares do orago mariano estarem, na maioria das vezes, ligadas a um Orixá do panteão africano. Não só este como uma infinidade de rituais se desenrolam em torno do culto mariano, no qual se inclui o estudo do orago a Nossa Senhora das Candeias. Nesses rituais percebemos o que Vainfas chamou de **hibridismo cultural**. Diversos cultos, especificamente os afros, que apesar dos conflitos sociais, sobreviveram culturalmente e se manifestam nas práticas sincréticas entre as quais estão representados com alguns arquétipos ligados a Maria de Nazaré.

REFERÊNCIAS

DIEGUES JUNIOR, Manuel. O Culto de Nossa Senhora na Tradição Popular. Revista Brasileira de Folclore. Ano 8. 20, 1968.

FERRETI, Sérgio Figueiredo. Sincretismo Afro-Brasileiro e Resistência Cultural. In: CAROSO, Carlos e BACELAR, Jéferson (Org.). **Faces da Tradição Afro-Brasileira**. Rio de Janeiro: Pallas, 1999.

FRANCO JUNIOR, Hilário. Ave Eva-Inversão e Complementaridade de um mito Medieval. Dossiê Magia. USP, 1989.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HOORNAERT, Eduardo et alli. **Formação do Catolicismo Brasileiro**. 1550-1800. Petrópolis: Vozes, 1991.

SOUZA, Laura de Mello e. **O Diabo e a Terra da Santa Cruz**. Companhia das Letras. São Paulo. 1986.

VAINFAS, Ronaldo. **A Heresia dos Índios**. Catolicismo e Rebelia no Brasil Colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.